

A ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO BAIRRO PEQUI, EUNÁPOLIS-BAHIA

Recebido: 20/05/2022

Aceito: 24/07/2022

João Gabriel de Moraes Pinheiro¹

Tereza Genoveva Nascimento Torezani Fontes²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discorrer sobre a organização espacial do bairro Pequi, localizado na cidade de Eunápolis, no Extremo-Sul baiano. O Pequi é o bairro mais antigo da cidade, tendo sido criado quando Eunápolis ainda era um povoado. Através da pesquisa exploratório-descritiva foi possível entender a origem e formação do bairro, os seus signos e significados que são construídos através da percepção de cada morador, mudanças temporais que ocorreram desde a década de 1950 até os dias atuais e os atores sociais que atuam no espaço produzindo-o e reproduzindo-o constantemente. Algumas deficiências, tanto de ordem socioeconômica quanto estrutural foram identificadas, demonstrando a necessidade de intervenção do poder público no bairro, que se tornou signo da cidade de Eunápolis.

Palavras-chave: Organização espacial. Estudo do bairro. Mudanças temporais.

THE ANALYSIS OF THE ORGANIZATION OF THE GEOGRAPHIC SPACE OF THE NEIGHBORHOOD PEQUI, EUNÁPOLIS-BAHIA

ABSTRACT

This article aims to discuss Spatial Organization in Pequi, a neighborhood located in the city of Eunápolis in the extreme South of Bahia. Pequi is the oldest neighborhood in the town, in the beginning it emerged as a small village. Through exploratory-descriptive research, it was possible to find and understand the origin and formation of the neighborhood, its street signs and meanings have been constructed through the perception of each resident, the

¹ Graduando em Bacharelado em Geografia, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: jgmpinheiro.bge@uesc.br.

² Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Professora Assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: terezatorezani@gmail.com.

temporal changes that have occurred since the 50s until present day and the social agents who work in the area of urban space and design, are constantly producing and reproducing history. Some socioeconomic and structural difficulties have been identified in the neighborhood, demonstrating the need for government funding. The neighborhood is known as the towns marking point and the place where the towns sign Eunápolis is located.

Keywords: *Spatial Organization. A study of the neighborhood. Temporal changes.*

INTRODUÇÃO

O termo “organização do espaço” tem o sentido de “arrumação”. É neste aspecto que existe a modelação do espaço herdado, onde nele são introduzidas as técnicas jurídicas e administrativas, servindo de subsídio para a sistematização da sua utilização (CARLOS, 1982). De acordo com Carlos (1982), a ideia de organização espacial está atrelada ao “planejamento sistemático do espaço” e não com a relação que se estabelece entre o homem, a história e o meio. Destarte, a concepção de “espaço-palco” surge justamente como o local onde os humanos constroem a sua existência, ou seja, o espaço geográfico é entendido como palco das diversas atividades humanas.

Essa mesma ideia é exposta por Raffestin. Para ele, não existe dúvidas que os geógrafos vêm confundindo os conceitos de espaço e território. Para Raffestin, o espaço só se torna território quando os “atores” sociais se apropriam e ali começam a “atuar”, ou seja, quando territorializam o espaço (RAFFESTIN, 1993). Outrossim, o fruto do trabalho concebido pelos atores sociais citados por Raffestin é a noção de “produção do espaço” que é estabelecido na proporção em que o espaço geográfico é entendido como produto de relações, ou seja, das interações humanas no sentido de uma autocriação constante (CARLOS, 1982). Dessa forma, o espaço geográfico é o resultado das relações que se estabelecem através do trabalho, entre a sociedade e o seu entorno (CARLOS, 1982). Neste sentido, com a consolidação do trabalho na sociedade, surge a divisão do mesmo, como apontou Émile Durkheim na Divisão Social do Trabalho, na qual esses atores agora passam a desenvolver tarefas específicas no meio produtivo.

Antes de ascender à condição de município, Eunápolis era um povoado que teve o seu desenvolvimento impulsionado através da sua localização geográfica. Ela é atravessada pela BR101, que é a principal rodovia de cesso para as regiões nordeste, sudeste e sul do país. Além disso, a cidade localiza-se no entroncamento da BR 101 com a BR367, sendo também a principal via de acesso aos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália e Belmonte. Esta localização, por sua vez, fez com que Eunápolis seja considerado como um polarizador migratório regional, atraindo um contingente de pessoas oriundas da Bahia e de outros estados (CUNHA; 2020).

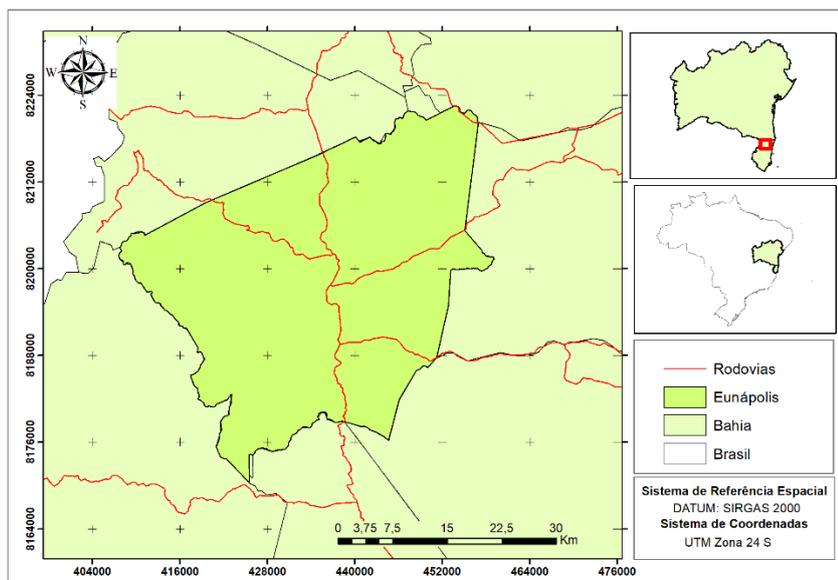
O presente trabalho tem por objetivo analisar a organização espacial do bairro Pequi, localizado na cidade de Eunápolis, no extremo sul da Bahia, com o objetivo de identificar os elementos físicos que compõem este bairro, bem como as relações interpessoais dos atores sociais que compõem este bairro, a relação homem-natureza e os impactos que as atividades humanas (políticas, sociais e econômicas) causam no território.

Para a análise desses elementos, que compõem o bairro, foi utilizado o método exploratório-descritivo, no qual foram feitas pesquisas bibliográficas e análise documental que versem sobre fatos pretéritos e atuais do bairro. De acordo com Gerhardt (2009), este tipo de pesquisa subsidia uma série de informações sobre aquilo que se pesquisa. A pesquisa de campo foi fundamental, uma vez que possibilitou a análise de signos e símbolos do bairro, bem como a obtenção de fotografias. Dessa forma, este estudo justifica-se pela necessidade de se conhecer as características geográficas do bairro de uma cidade de porte médio do interior da Bahia e explanar o seu dinamismo ao longo dos dias e dos anos e compreender as interações entre a sociedade e o meio que habita.

CARACTERÍSTICAS DO LOCAL ESCOLHIDO PARA ESTUDO

A cidade de Eunápolis está situada sob as coordenadas geográficas, Latitude: 16° 22' 23" Sul, Longitude: 39° 34' 30" Oeste no extremo sul da Bahia, numa altitude 183 metros. A bacia hidrográfica do Rio Buranhém é o corpo hídrico que abastece as cidades do extremo sul baiano, sendo sua foz na cidade de Porto Seguro (Figura1).

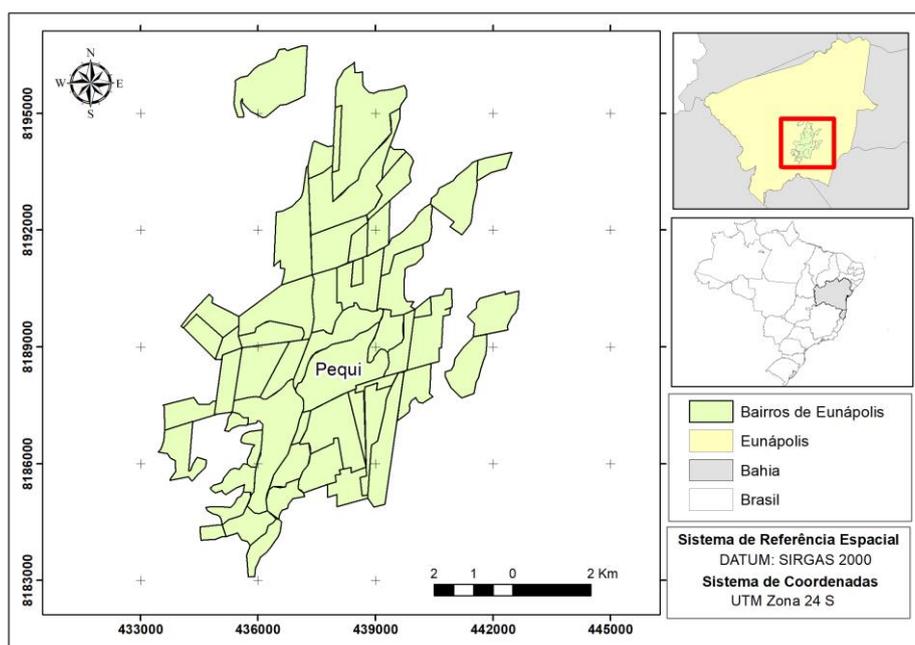
Figura 1: Localização do município de Eunápolis, Bahia



Fonte: Elaborado pelos autores

O município possui uma extensão territorial de 1.179 km², com uma densidade demográfica, em 2010, de 84.97 hab/km². A parte urbanizada do município corresponde a 0,85% da área total (figura 2). Segundo o último censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Eunápolis possuía, em 2010, 100.196 habitantes. Todavia, de acordo com a projeção realizada no ano de 2020, tendo como base o censo de 2010, a população é de 115.365 habitantes.

Figura 2: Delimitação do bairro Pequi, Eunápolis - Bahia.



Fonte: Elaborado pelos autores

O bairro do Pequi é um dos mais populosos da cidade. Possui cerca de 89 ruas e 94 estabelecimentos comerciais e, ainda, aqueles comércios que são informais. De acordo com o zoneamento urbano, presente no Plano Diretor de Eunápolis, o bairro Pequi encontra-se na “Zona de urbanização contínua”, ou seja, assim como outros bairros, apresentando constante expansão.

PEQUI: ÁRVORE, ORIGEM, HISTÓRIA E COMPOSIÇÃO DO BAIRRO

O bairro tem sua origem sob a sombra de um alto e vistoso pé de Pequi (*Caryocar brasiliense*) que, do Tupi, significa “pele espinhenta”, sendo uma árvore frutífera típica do bioma cerrado, localizada onde hoje é o mercado de carnes. O povoamento do local, onde hoje é o bairro, teria ocorrido na década de 1950, quando a cidade ainda era um povoado. Ao longo do tempo, várias famílias começaram a construir barracos de madeira e pequenas casas de taipa, várias delas bem próximas ao pé de pequi em uma área particular. Esse início de urbanização aconteceu de forma desordenada, sem infraestrutura adequada, com más condições de higiene.

Atualmente, o bairro apresenta uma praça principal, a Praça Paulo VI, que outrora fora um cemitério. Quando o cemitério foi desativado, surgiu uma praça, composta de várias espécies de árvores com um dossel bastante espesso, quiosques de bebidas e alimentação, quadra esportiva com arquibancada externa e banheiros públicos. Após muitos anos, com sua arquitetura deteriorada, a praça foi refeita contando com uma nova estrutura, como parque infantil, quadra e bancos.

Embora a praça seja um grande complexo urbano, o acesso da maior parte da população ainda é limitado. Por fatores culturais, este espaço não é utilizado de forma integral pela população do bairro. Na mesma rua onde está localizado um lado da praça, a rua Princesa Isabel, também comporta a creche municipal Ayrton Senna, uma das primeiras creches da cidade, fazendo divisa entre o Pequi e o Centro da cidade.

Um dos locais que dá destaque a este bairro é a feira municipal e o mercado de carnes. A feira apresenta boxes onde são comercializadas verduras e frutas e, ainda, aqueles feirantes que possuem o ponto próprio. No

perímetro onde está a feira existem supermercados e minimercados, e o mercado de carnes que possui vários boxes dedicados à comercialização deste produto.

No sábado, dia típico de funcionamento máximo da feira, a paisagem muda por completo. As ruas que compõem o perímetro são fechadas e dão lugar a várias barracas improvisadas. Um corredor de venda de peixes e mariscos surgem em frente ao mercado de carnes e as várias casas de farinha ocupam os espaços das calçadas e ruas. Bares e restaurantes, que estão do outro lado do mercado de carnes, funcionam de maneira intensa e a passagem de pessoas entre barracas e comércios acontecem de maneira frenética até o final da tarde.

Embora o cenário de urbanização e organização do espaço do bairro Pequi seja diferente do início de seu povoamento, ainda é possível identificar algumas ruas com casas simples coexistindo com as construções recentes, podendo ser atribuída a denominação de “acumulação desigual de tempos” intitulado pelo geógrafo Milton Santos.

De forma geral, o bairro apresenta comércio de vários tipos, podendo ser citados: supermercados, minimercados, padarias, lanchonetes, sorveterias, bares, restaurantes, lojas de roupas, açougues, lotéricas, lojas de materiais de construção, consultórios médicos, consultórios odontológicos, escritórios de advocacia e contabilidade, lojas de produtos naturais, granjas, borracharias, óticas etc.

Embora apresente um comércio espesso e variado, o que confere ao bairro o título “outra cidade”, a disposição do comércio em relação às calçadas é incorreta. Percebe-se que as calçadas dos bairros são extensão do comércio, fazendo com que os transeuntes tenham que disputar o espaço das ruas com os veículos. O artigo 68 do Código Nacional de trânsito profere:

É assegurada ao pedestre a utilização dos passeios ou passagens apropriadas das vias urbanas e dos acostamentos das vias rurais para circulação, podendo a autoridade competente permitir a utilização de parte da calçada para outros fins, desde que não seja prejudicial ao fluxo de pedestres.

Dessa forma, percebe-se que o uso irregular das calçadas do bairro infringe o Código Nacional de Trânsito e coloca em perigo os pedestres.

No que concerne à educação, o bairro conta com várias escolas municipais, tais como: Colégio Municipal Anésia Guimarães e Colégio Municipal Nilza Barbosa. Também há escolas particulares do ensino fundamental e a biblioteca municipal. Na saúde, a secretaria de saúde do município está localizada no bairro Pequi, na rua Lomanto Júnior. Além disso, o bairro possui outras UBS (Unidades Básicas de Atendimento) que estão vinculadas ao Núcleo Regional de Saúde Extremo Sul (NRS), Hospital Regional que atende às demandas de saúde de cidades circunvizinhas e o Hemocentro Regional.

O bairro possui uma igreja católica, a Igreja São Francisco de Assis, que foi fundada no ano de 1993. Além disso, existem igrejas protestantes situadas em várias ruas do bairro, e casas de Candomblé, onde são realizadas cerimônias da religião afro-brasileira.

Relacionado ao lazer no bairro, os moradores comumente frequentam bares, lanchonetes que se encontram na parte mais central do bairro. Dessa forma, não há um lazer “universal”. Outra opção são os moradores irem para o centro ou outros bairros que possuem casas e bares noturnos.

MUDANÇAS TEMPORAIS NO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO BAIRRO

Discorrer sobre as mudanças temporais espaciais é retomar a discussão de Milton Santos sobre o espaço e a Formação Econômica Social (FES). Neste sentido, o espaço apresenta-se como uma organização de cunho histórico, abarcando a vida social em sua totalidade (SAQUET; DA SILVA, 2008).

Para Santos, como o espaço é organizado de forma social, espaço e natureza são sinônimos, porém, este sinônimo só pode existir se a natureza for considerada como uma instância formada, uma segunda natureza, sendo assim, o espaço corresponde às transformações sociais feitas pelos homens (SAQUET; DA SILVA, 2008).

Como o espaço consta como matéria trabalhada, pode-se trazer as reflexões de Milton Santos acerca de “forma” para o contexto do bairro. Santos afirma que as formas permanecem como heranças das divisões do trabalho do passado e a divisão do trabalho atual. Dessa maneira, as formas que não têm os mesmos significados, ao longo da história do bairro, representam a

acumulação desigual de tempos e seu entendimento está pautado do que foram as divisões do trabalho (SAQUET; DA SILVA, 2008).

Outrossim, o bairro do Pequi está em constante metamorfose, a começar pela praça Paulo IV, local este que é uma marca registrada do bairro, desde sua fundação que começou como um cemitério a praça apresentou mudanças. No ano de 2018 a praça foi reconstruída a partir de um novo projeto (figuras 3 e 4).

Figura 3: Praça Paulo IV antes



Fonte: Bahia Dia

Figura 4: Praça Paulo IV atualmente



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

A poucos metros da praça Paulo IV, o mercado de carnes, onde se localizava o pé de pequi que deu origem ao bairro, também sofreu mudanças da década de 1950 até os dias atuais. Em 2020, o mercado de carnes foi reconstruído para melhor organização da infraestrutura, dos boxes e movimentação dos pedestres (figuras 5 e 6).

Figura 5: Mercado de carnes antes



Fonte: Rota 51

Figura 6: Mercado de carnes atualmente



Fonte: Elaborado pelos autores , 2021.

Este bairro, por ser uma zona mista comercial e residencial, também apresenta mudanças ao longo do tempo. As casas e o comércio coexistem de algumas formas, podendo citar: i) comércio ao lado das casas; ii) casas em cima do ponto comercial (prédios) e iii) comércio na porta de casa. Diariamente

esses comércios e casas mudam. Ora a casa vira um ponto comercial, ora o ponto comercial vira casa. Embora a mudança seja constante e quase que inevitável, percebe-se que as casas de algumas ruas ainda são antigas, preservando a identidade das primeiras casas que surgiram no bairro.

Na infraestrutura, ruas antes de paralelepípedo ou apenas estradas de chão, passaram a receber pavimentação, algumas delas asfálticas. Uma mudança bastante marcante aconteceu na Rua Bela Vista, uma das principais ruas do bairro. Possuíam árvores na porta dos moradores, quase todas as ruas do quarteirão (figura 7): árvores do tipo Oití (*Licania Tomentosa (Benth.) Fritsch*). que foram removidas para a construção de fossas sépticas. Essa espécie de árvore não é adequada nos calçamentos, uma vez que elas destroem as calçadas e redes de esgoto.

Figura 7: Ruas que compõem o quarteirão



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO BAIRRO: SIGNOS E SIGNIFICADOS

Uma cidade ou bairro não é apenas um organismo dotado de signos, já que eles mesmos são um signo (ROCHA, 2002). Neste sentido, organismo faz alusão à consideração feita por Bittencourt (2014) da cidade como um

organismo vivo, cheio de harmonia provinda do conflito interno das suas discordâncias orgânicas.

Renato Bittencourt traz uma concepção de cidade que vai além de uma visão geográfica e contempla a semiótica:

A cidade não é apenas uma categoria geográfica a ser abordada por uma perspectiva extensiva e concreta, mas uma fábrica semiológica produtora de sentidos tanto para seus habitantes como para seus intérpretes que se dedicam a decifrar as suas vozes harmônicas e dissonantes, convergentes e divergentes (BITTENCOURT, 2014, p. 34).

Destarte, a Semiótica é o estudo da construção do significado, dedicada ao estudo do signo, ou seja, aquilo que dá sentido a algo. Por sua vez, comunicação é uma ferramenta que possibilita a interação entre os seres humanos. Sendo assim, a comunicação não verbal que se dá por meio de imagens, códigos, símbolos está materializada na paisagem, na cidade e no bairro.

A leitura de cada signo feita por diferentes atores sociais depende de seu conhecimento e seu grau de afetividade para com uma rua que pertence a um bairro que pertence a uma cidade, por exemplo. Esta leitura de signos pode desencadear uma reação topofílica, ou seja, uma afetividade pelo lugar ou topofóbica, um sentimento de aversão, medo ou ódio (ROCHA, 2002).

De acordo com Bittencourt (2014) é através da hermenêutica – área que estuda a teoria de interpretação - que é possível decifrar os diversos signos da cidade, bem como a sua complexidade. Tendo como base a semiótica e a hermenêutica para o estudo e interpretação dos signos, pode-se destacar o bairro Pequi, que, por sua vez, exerce uma função dupla: ele próprio como um signo da cidade de Eunápolis - sendo um dos símbolos que identifica a cidade - e um bairro repleto de signos, sendo este último o foco da análise.

Um dos signos deste bairro é a igreja São Francisco de Assis, que foi fundada em 1993, a qual tem devotos do próprio bairro quanto de outros. Várias gerações passaram por esta igreja e cada uma delas ajudou a construir as diferentes feições em diferentes épocas. Os festejos, solenidades, períodos importantes ganham destaque no bairro e é visível também para aqueles que não são da religião ou não frequentam a igreja.

O Cemitério Municipal da Consolação, localizado na rua da Consolação, é um exemplo de signo. É o cemitério mais antigo e conhecido da

cidade que, atualmente, não dispõem de novas vagas para sepultamento, sendo somente disponível para aqueles que possuem um terreno.

Outro signo é a ponte que liga o bairro Pequi ao bairro Moisés Reis. É uma ponte que é antecedida e sucedida por duas ladeiras. Essa ponte possui um fluxo frenético de veículos e pedestres que transitam entre a fronteira desses dois bairros.

Todos esses signos citados são um exemplo de linguagem não-verbal, uma linguagem que grita e se expressa e a interpretação dessa mensagem é diferente para cada morador, alguns com opiniões e entendimentos em comum, outros com sua própria percepção do espaço. Esses lugares também são exemplos de fixos e fluxos, lugares imóveis que constantemente mudam sua feição e as pessoas que transitam entre eles.

AFINAL, QUEM PRODUZ O ESPAÇO URBANO DO BAIRRO PEQUI?

O espaço propriamente urbano é caracterizado através do produto do trabalho desenvolvido pelos mais diversos atores sociais. De acordo com Corrêa (1989), a ação dos agentes sociais no meio urbano é complexa, e essa complexidade, por sua vez, ocasiona um processo incessante de reorganização do espaço urbano. Embora os agentes sociais trabalhem constantemente para a metamorfose do espaço urbano, este ainda é fragmentado e isto é reflexo da existência de classes sociais na qual a classe dominante, por ter acúmulo de capital, exerce influência e poder no espaço urbano, sendo o Estado apenas um mero subordinado destes agentes dominantes.

As inúmeras desigualdades socioespaciais demonstram as diferentes formas de apropriação das riquezas produzidas que, por sua vez, expressam a impossibilidade de condições adequadas de sobrevivência pelos trabalhadores. É bem visível, para qualquer indivíduo, a discrepância entre as áreas ricas e mais pobres de uma cidade, o que, infelizmente, não está tão evidente aos olhos são as causas deste fenômeno, a crise e a desigualdade (RODRIGUES, 2007).

A diferença de classes sociais no bairro é nítida na paisagem, na qual existem moradias de padrão elevado coexistindo com casas mais simples, os

seus moradores dividindo o mesmo espaço físico – o bairro, vivendo em realidades sociais e econômicas completamente díspares.

Ao analisar o bairro Pequi neste contexto, pode-se delimitar alguns agentes sociais que atuam na produção e reprodução de seu espaço, a saber: i) grandes comerciantes ii) prefeitura, iii) comerciantes locais, iv) população em geral.

Os grandes comerciantes que utilizam o espaço do bairro para sua produção de renda e não para sua moradia, conseguem alterar a organização espacial do bairro a partir do momento em que se erguem prédios, abrem-se pontos comerciais de maior porte, quando se altera o fluxo de pessoas que se deslocam de outros lugares da cidade para trabalharem ali e quando abalam a estrutura de comércios menores. É visível, neste bairro, o interesse que esta categoria específica de comerciantes possui: o de dominação. A partir do momento em que estes proprietários abrem pontos comerciais com diferentes finalidades ou com finalidades parecidas, é com o objetivo de obter o monopólio comercial e explorar todos os potenciais econômicos do bairro.

A prefeitura é um dos agentes que contribui para a produção do espaço urbano, porém, preponderantemente de forma estrutural. Através de obras de pavimentação, como ampliação de ruas e calçadas, asfalto, por exemplo, que visa cumprir o direito à infraestrutura previsto na Constituição Federal de 1988, também existe o interesse implícito de pavimentar algumas áreas específicas do bairro com o intuito de viabilizar o acesso de pessoas e transportes a alguns pontos comerciais do bairro que são dominados pelos agentes anteriores citados.

Embora a prefeitura tenha o dever de promover a infraestrutura do bairro, ainda existem ruas e zonas específicas do bairro que não têm uma infraestrutura adequada. Cidades como Eunápolis, que se encontra em fase desenvolvimento, provoca o fenômeno do inchaço, em que a população cresce em determinado local e este crescimento não está em consonância com um planejamento adequado. Os efeitos deste fenômeno, como afirma Nóbrega, Vieira Filho, Da Silva e Veras (2013) são de ordem ambiental e social.

Os comerciantes locais, de forma quase unânime, também residem no bairro. A sua presença e sua contribuição para a organização e reorganização do espaço urbano do bairro talvez seja a mais visível no cotidiano. A existência

dos pequenos comércios que se localizam nas portas das residências, ou em uma barraca simples na feira, sendo de múltiplas finalidades, conseguem reverberar na economia total da cidade, sendo o comércio local do bairro Pequi uma das artérias principais da cidade.

Utilizar os serviços e produtos do comércio do bairro é de extrema importância, uma vez que propicia a circulação do capital promovendo o desenvolvimento da região, estimula novos empreendedores e geração de emprego. Ferrán, Grass, Solà-Morales (2021) afirmam que a verdadeira alma da cidade ou do bairro é a atividade do seu povo nas ruas, nas praças, e o seu comércio. No bairro do Pequi não é diferente, pois, de segunda a domingo, a atividade frenética de seus habitantes constitui um ritmo e uma identidade ímpar.

A população em geral, que utiliza de forma principal a função de moradia do bairro coadjuvam na produção do espaço do bairro com construções de moradias, e é nesse aspecto que surge uma dualidade: residências que são privilegiadas com a especulação imobiliária e residências desfavorecidas pela especulação imobiliária. A primeira está pautada em residências que se encontram nas principais ruas do bairro, tem condições melhores de infraestrutura, são mais próximas de alguns serviços e todas elas possuem uma maior especulação imobiliária.

As áreas desfavorecidas pela especulação são características de áreas com baixa infraestrutura e saneamento básico na qual muitas casas foram construídas com o sistema de autoconstrução. A modelação desse espaço por estes moradores é uma forma de resistência, resistência esta aos desafios da vida e, também, é uma forma de sobrevivência e não de vivência, lutando para conseguir direitos básicos a qualquer indivíduo, dentre eles o direito à cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bairro Pequi é um signo da cidade de Eunápolis e detentor de signos próprios. A organização do seu espaço geográfico está pautada por técnicas jurídicas e administrativas que sistematizam a funcionalidade de vários setores do bairro.

No que concerne aos seus signos e significados, nota-se que este bairro possui diversos símbolos materiais e imateriais que, aliados ao fator tempo, subsidiaram a criação de uma identidade própria que até nos dias atuais estão sendo constantemente renovados. As gerações pretéritas e atuais trabalharam e trabalham para a construção de um espaço que possui uma identidade com uma organização própria.

Diversos são os agentes sociais que produzem e reproduzem o espaço geográfico deste bairro. Cada agente deste, com suas ações, consegue deixar suas marcas e seus registros no espaço. As desigualdades socioeconômicas também são nítidas na paisagem, as diferenças na especulação imobiliária, moradias discrepantes, estabelecimentos que têm um público alvo implícito constituem, também, as características do espaço deste bairro.

Bauman (2003) afirma que muitos bairros de cidades foram projetados para não serem atrativos para seus moradores, não dispendo de atividades de lazer e cultura, obrigando os moradores a se deslocarem para as áreas centrais da cidade em busca de lazer e entretenimento. Este mesmo padrão pode ser visto no bairro Pequi. O bairro não dispõe de espaços públicos adequados, sendo eles culturais ou não para todos os ciclos de vida que retenham a própria população e estimulem a participação ativa nas atividades culturais e de lazer. Dessa forma, é necessária a intervenção do poder público como secretarias de cultura, de infraestrutura e de finanças e planejamento, por exemplo, para implantação/implementação de projetos e investimentos que venham a valorizar o espaço público, rompendo com a práxis do deslocamento de moradores para outros bairros, proporcionando um acesso democrático ao direito ao lazer e cultura.

O bairro Pequi, apesar de antigo, continua em constante metamorfose e expansão, cada morador e comerciante dia após dia reproduz este espaço tanto física quanto simbolicamente, e ações executadas neste bairro reverberam na cidade como um todo, seja na economia, quanto na organização espacial da própria cidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt (2003). **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar.

BITTENCOURT, Renato Nunes (2014). Os delírios urbanos e os signos extáticos da cidade. **Revista Húmus**, v. 4, n. 10.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (1982). A cidade e a organização do espaço. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 1, p. 105-111.

CORRÊA, Roberto Lobato (1989.) **O espaço urbano**. Ática.

FERRÁN, Jordi Sordà; GRAS, Josep Solé; SOLÀ-MORALES, Pau de (2021). El friso del comercio local. *In*: ANTUNES, Aline Ferreira (org). **História: Sujeitos, Teorias e Contemporaneidade 2**. 2. Ed. Ponta Grossa: Atena. P. 268-287.

GERHARDT, Tatian Engel ; SILVEIRA, Denise Tolfo (2009). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS.

NÓBREGA, Fábio Augusto Rodrigues.; VIEIRA FILHO, Diógenes. Souza.; DA SILVA, Fabíola Barreto.; VERAS, Licoln. Ócea de Menezes (2013).

NÓBREGA, F. A. R. et al. Infraestrutura Urbana: infraestrutura e o crescimento populacional no Brasil. **Caderno de Graduação - Ciências Exatas e Tecnológicas - UNIT - SERGIPE**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 19–25. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernoexatas/article/view/304>. Acesso em: 17 maio. 2021.

RAFFESTIN, C. **Por uma Nova Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993

ROCHA, Lurdes Bertol (2002). Fenomenologia, semiótica e geografia da percepção: alternativas para analisar o espaço geográfico. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 4, n. 1, p. 2.

RODRIGUES, Arlete Moysés (2007). Desigualdades socioespaciais—a luta pelo direito à cidade. **Revista cidades**, v. 4, n. 6.

SAQUET, Marcos Aurelio; DA SILVA, Sueli Santos (2008). Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. **Geo Uerj**, v. 2, n. 18, p. 24-42.

CUNHA, L. S. Urbanização e imaginário sobre o “maior povoado do mundo”, Eunápolis 1970 a 1988. **Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, v. 1, n. 1, p. 290 - 307, 4 ago. 2020